

UM AMOR IMPOSSÍVEL. UM LEGADO MÁGICO.
UMA DESCOBERTA PERIGOSA.



ONDE A

BIBLIOTECA
SE ESCONDE
ISABEL IBAÑEZ

*Para os leitores que ficaram acordados a noite toda,
aflitos com o epílogo de O que o rio sabe:
este livro é dedicado a vocês.*

LISTA DE PERSONAGENS | *UM RESUMO*

Inez Emilia Olivera, *nossa heroína*

Elvira Gabriella Montenegro, *prima favorita de Inez*

Amaranta Lucia Montenegro, *prima menos favorita de Inez*

Lorena, *tia de Inez*

Ricardo Marqués, *tio e guardião de Inez; sócio e cunhado de Abdullah; escavador*

Lourdes Patricia Olivera, *mãe de Inez; contrabandista de artefatos e foragida da lei*

Cayo Roberto Olivera, *pai de Inez*

Whitford Simon Hayes, *assistente de Ricardo*

Porter Linton Hayes, *irmão mais velho de Whitford*

Arabella Georgina Hayes, *irmã mais nova de Whitford*

Leo Lopez, *soldado e melhor amigo de Whitford*

Abdullah Salah, *sócio e cunhado de Ricardo; escavador*

Farida Salah, *neta de Abdullah; fotógrafa*

Kareem Ali, *assistente do cozinheiro e ajudante na escavação de Philae*

Sallam Ahmed, *repcionista do Shepheard's Hotel*

Charles Fincastle, *especialista em armas e segurança contratado na escavação de Philae*

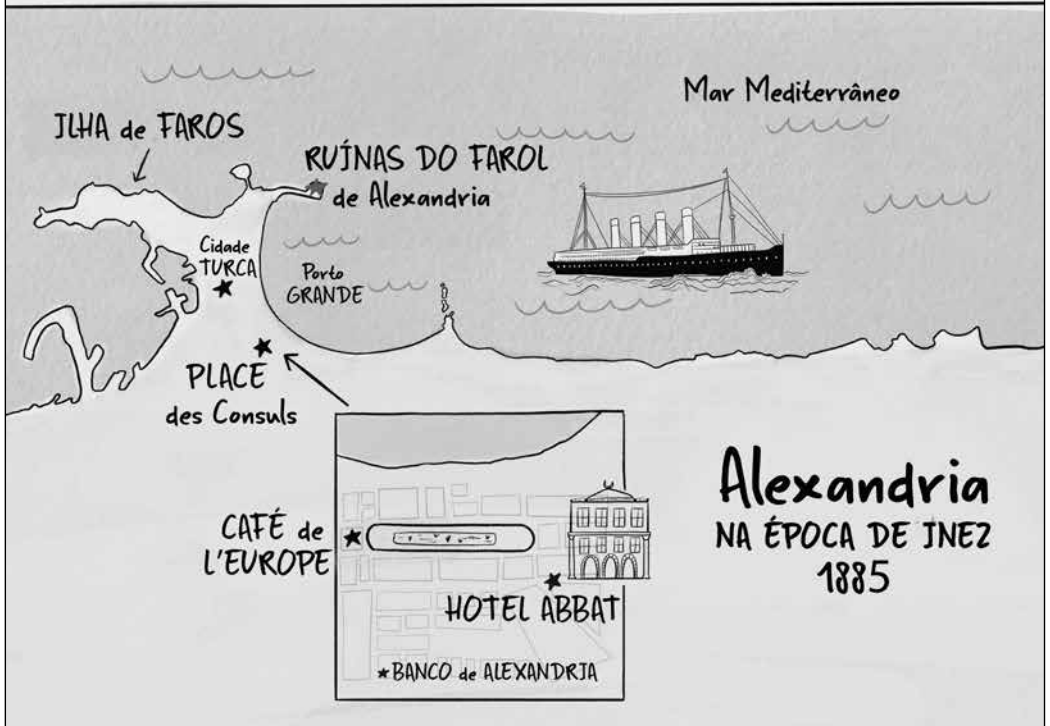
Isadora Fincastle, *filha de Charles*

Basil Digby Sterling, *agente de antiguidades britânico*

Monsieur Gaston Maspero, *egiptólogo francês e diretor-geral de escavações e antiguidades*

Sir Evelyn Baring, *cônsul-geral do Egito*

Alexandria NA ÉPOCA DE CLEÓPATRA



LINHA DO TEMPO (APROXIMADA) DO EGITO

2675–2130 a.C.	Antigo Império
1980–1630 a.C.	Médio Império
1539–1075 a.C.	Novo Império
356 a.C.	Nascimento de Alexandre, o Grande
332–305 a.C.	Alexandre, o Grande, conquista o Egito; dinastia macedônica
69 a.C.	Nascimento de Cleópatra VII
31 a.C.	Batalha de Áccio (mortes de Cleópatra e Marco Antônio)
31 a.C.	Início do Egito romano
639	Conquista muçulmana do Egito
969	Estabelecimento do Cairo como capital
1517	Egito absorvido pelo Império Turco-Otomano
1798	Expedição de Napoleão ao Egito, conquistando Alexandria e o Cairo (descoberta da Pedra de Roseta)
1822	Champollion decifra hieróglifos
1869	Inauguração do Canal de Suez
1870	Primeira viagem de Thomas Cook pelo Nilo
1882	Bombardeio da Alexandria e destruição de fortalezas por parte da frota inglesa
1922	Protetorado Britânico abolido; descoberta do túmulo de Tutancâmon
1953	Independência do Egito



PRÓLOGO

– Case comigo, e não com ele.

As palavras ricochetearam pelo quarto, finalmente me atingindo em cheio no peito, cada sílaba mais parecendo um tapa.

Passei a língua pelos lábios e, mesmo atordoada, me forcei a falar:

– Você quer se casar.

Whit me encarou com os olhos azuis penetrantes e avermelhados e respondeu sem nenhuma hesitação:

– Quero.

– Comigo – falei, tentando esclarecer.

Um feixe de luz atravessou a névoa. Eu me afastei, e ele me soltou. Eu o olhava com desconfiança enquanto contornava a cama, precisando ter algo tangível entre nós. Com a distância, eu me afastei do cheiro de uísque que o envolvia, amadeirado e intenso, e minha mente desanuviou.

A resposta foi firme e imediata:

– Sim.

– Casar – repeti, porque a confirmação *ainda* era necessária.

Ele tinha bebido e, pelo que parecia, não havia sido só uma dose.

– Na igreja – completei.

– Se for preciso.

– E seria – falei.

A ideia soava normal e sensata. Ao contrário da nossa conversa. Casar numa igreja era algo que eu teria feito – aparentemente em outra vida. A vida para a qual eu tinha sido preparada em Buenos Aires. Eu me casaria com o belo Ernesto, um jovem *caballero* aprovado pela minha tia, provavelmente seria vizinha dela, e ela poderia ficar de olho em mim pelo resto da vida. Não haveria viagens ao Cairo. Meus dias de desenhista, reproduzindo

as paredes dos templos no meu bloco, estariam acabados. Em vez disso, meu tempo seria dedicado a outra pessoa e, por fim, aos meus filhos. Eu visualizava esse futuro como se já fosse minha realidade. Meu coração disparou em protesto, e precisei me lembrar de que estava no Egito.

Exatamente onde queria estar.

Whit arqueou uma sobrancelha.

– Isso é um sim?

Pisquei.

– Você precisa de uma resposta neste instante?

Whit esticou o braço pela luxuosa cama de hotel, coberta de saias com babados e casacos com botões de latão. Fiquei horrorizada quando notei diversos pares de meias espalhados sobre um travesseiro, ao lado da minha combinação favorita, que estava praticamente toda puída. Ele acompanhou meu olhar e, numa admirável demonstração de autocontrole, não fez nenhum comentário sobre minhas roupas íntimas.

– Eu não preciso de uma resposta agora, mas *preferiria* que fosse agora, sim – respondeu Whit, a voz arrastada. – Para ter paz de espírito.

O jeito de Whit estava começando a me enfurecer. Essa era uma das decisões mais importantes que eu poderia tomar e, se ele queria que eu a levasse a sério, ele também deveria levar. Afastei minhas peças de roupa para o lado, me abaixei para puxar o baú de baixo da cama e o joguei aberto no espaço livre no colchão. Sem cerimônia, sem me importar em não amassar as roupas, comecei a atirá-las ali dentro: a calça tipo odaliska, as camisas de algodão e as saias plissadas. Embolei as roupas íntimas e também as joguei no baú.

Ele olhou para a pilha crescente com preocupação.

– O que você está fazendo?

– O que acha?

Joguei minhas sandálias de cetim, as botas que usei em Philae e os sapatos de couro de salto alto. Corri os olhos pelo quarto com as mãos na cintura. O que mais faltava?

– Estamos no meio de uma conversa e você já está com um pé para fora do quarto.

Ele tirou várias peças de roupa do baú, depois removeu o par de botas que eu tinha colocado ali.

– Com licença, mas estou fazendo as malas – falei, enfiando uma camisa de volta no baú.

– Em nenhum lugar deste planeta alguém chamaria isso de fazer as malas – comentou Whit, olhando contrariado para a camisa embolada.

– Agora você está sendo cruel.

– Eu te fiz uma pergunta, Inez.

Olhei feio para ele e estendi a mão para minhas botas.

– Eu preciso delas.

– Neste momento, não precisa.

Whit as deixou cair no chão e, sem tirar os olhos de mim, ergueu meu baú com as duas mãos, virou-o de cabeça para baixo e despejou todo o conteúdo em cima da cama outra vez.

– Por que não me conta o que realmente está te incomodando? – perguntou ele.

Cielos, que pessoa *insuportável*.

– Você bebeu.

– E daí?

Minha voz subiu vários decibéis nada apropriados a uma dama.

– *E daí?* Como é que eu vou saber se você está falando sério?

Whit deu a volta na cama. Passos firmes, mãos estáveis. Não falou arrastado. As palavras saíram claras e afiadas, como se fossem suas últimas diante de um pelotão de fuzilamento.

– *Eu quero me casar com você.*

Apontei para a montanha de roupas em cima da cama e comentei:

– Apesar da bagunça.

Ele encostou lentamente a ponta do indicador no canto da minha boca e disse:

– Com ninguém mais.

– Ah.

– O que me diz?

Pelo canto do olho, notei que uma peça íntima delicada tinha escorregado da cama e caído no sapato dele. Eu me abaixei para pegá-la, mas ele foi mais rápido e a colocou com cuidado em cima de um travesseiro.

Percebi um levíssimo rubor surgindo nas suas bochechas.

Ocorreu-me, então, que eu nunca tinha visto Whit corar.

Até então, eu o vira confuso e sarcástico, com raiva e achando graça, mas nunca constrangido. Foi essa visão que me lembrou de quem era a pessoa com quem eu estava lidando. Whit era meu amigo, talvez até o melhor que já tive. Ele me beijara quando pensamos que morreríamos presos naquela tumba, o ar lentamente se voltando contra nós, silenciosamente perigoso. Ele segurara minha mão no escuro e compartilhara seu maior arrependimento comigo.

Quando ousaram me ferir, Whit acabou com eles.

Esse era o homem que estava pedindo minha mão.

– Eu te daria mais tempo – disse Whit –, mas você está *deixando o país*.

Verdade, meu tio queria que eu fosse embora. Era pela minha segurança, como se ele ainda pudesse me proteger, mesmo depois de eu viver o horror de ver minha prima ser baleada na cabeça, a menos de três metros de mim.

Elvira.

A dor perfurou meu coração, e a confusão tomou conta de mim outra vez. Eu não conseguia acreditar que nunca mais veria aquele sorriso travesso prestes a quebrar uma das muitas regras da mãe dela. Nunca mais ouviria sua voz nem leria mais uma de suas histórias. A vida de Elvira fora interrompida, um livro fechado para sempre, o final escrito como um pesadelo terrível.

Eu precisava ficar no Egito por ela.

A morte dela era culpa da minha mãe traiçoeira. O luto me agarrava como um punho cerrado, e um soluço subiu pela minha garganta. Reprimi implacavelmente a emoção, procurando outra que não me deixasse arrasada.

A raiva fervilhou em meu sangue, logo abaixo da superfície.

Mais do que tudo, eu queria caçar minha mãe. Mandá-la para uma prisão onde iria apodrecer por toda a eternidade. Queria que ela me dissesse o que tinha feito ao meu pai, se ele ainda estava vivo, preso em algum lugar que só ela sabia. As palavras de Papá na última carta que me escrevera ecoavam na minha mente.

Nunca pare de me procurar.

Eu não poderia fazer nada se estivesse em outro continente.

Entendi no mesmo instante o que Whit estava sugerindo. Se eu me casasse com ele, teria controle total do meu destino. Pensar nisso me deixou

tonta. Um destino sem amarras. Acesso à minha fortuna, sem depender do meu tio. Sendo uma mulher casada, eu não precisaria mais de um acompanhante aonde quer que fosse. A oferta de Whit era tentadora. E havia a outra coisa. A coisa que eu não tinha como prever quando zarpei para o Egito.

Eu tinha me apaixonado por Whitford Hayes.

Eu o amava do fundo do coração, embora minha cabeça pedisse para eu ter mais juízo. Porém, meu amor era tão grande que poderia ser eterno. Só me dei conta disso naquele momento, enquanto fitava o rosto de Whit, que, de algum modo, parecia vulnerável e distante ao mesmo tempo. O pavor tomou conta de mim. Eu nunca me sentira tão assustada, tão desprotegida, tão exposta.

Mais uma vez, minha cabeça disse: *O que você está sentindo não faz o menor sentido.*

Ela soava severa e convincente.

– Então pense. E me avise.

Ele sorriu levemente, e as palavras que disse a seguir pareciam mais típicas do Whit que eu conhecia:

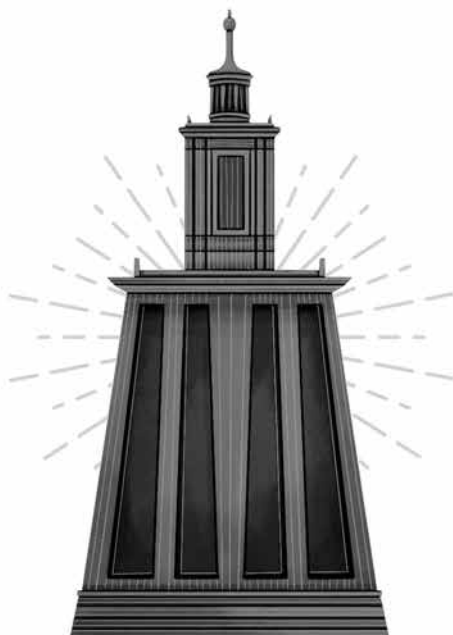
– De preferência, antes de entrar no trem para Alexandria.

Ele saiu, a porta se fechando com um estalo comedido.

– *Miércoles* – falei para o quarto vazio.

PARTE UM

A CIDADE DE TODAS
AS CIDADES





CAPÍTULO UNO

Deixei Whitford Hayes esperando.

Doze horas depois, eu ainda não tinha tomado uma decisão. Me alarmava o quanto eu queria dizer sim. Se aprendi algo com o tempo que passei no Egito, foi que não podia confiar no meu próprio julgamento. Uma percepção ao mesmo tempo decepcionante e aterradora. De agora em diante, eu teria que estar sempre alerta, independentemente da vontade do meu coração. Além disso, o que aconteceria se eu me casasse com ele? Whit tinha feito uma promessa a outra pessoa e, embora não fosse sua escolha pessoal, dera sua palavra. Ele fizera questão de manter distância de mim, e nós tínhamos concordado em manter uma amizade e nada mais. Mas então ele me beijara quando pensamos que íamos morrer, a balança do nosso relacionamento pendeu para o lado e perdemos o equilíbrio.

Tudo mudou quando ficamos presos naquela tumba.

A proposta de Whit significava que ele gostava de mim? Que estava tão envolvido quanto eu?

Eu poderia ter indagado a ele, mas, se fosse esse o caso, por que ele não fez nenhuma declaração quando me pediu em casamento? Um simples *Eu te adoro* teria sido muito bem recebido. Pensando bem, Whit na verdade não me fizera uma pergunta. Ele disse: *Case comigo, e não com ele*, de maneira bem prática. Eu ficara tão abalada que não tivera tempo de organizar meus pensamentos antes que ele deixasse o quarto. Apenas oscilei entre o pavor e a alegria. Todas as coisas boas que eu já amara tinham sido tiradas de mim. A família que eu acreditava ter. Elvira. A descoberta da tumba de Cleópatra. Tudo destruído por uma pessoa.

E se Mamá de alguma forma acabasse com isso também?

Remexi no meu lenço de pescoço. Minha mãe o deixara comigo para que eu encolhesse dezenas de artefatos da tumba de Cleópatra com seu poder mágico. Por algum motivo, guardei o lenço quando, na verdade, deveria tê-lo queimado. Esse pedaço de tecido era a prova da traição dela. Sentia como se fosse uma corrente me ligando a ela. Talvez, se o puxasse com força suficiente, ele pudesse me levar até onde ela estava escondida.

– Pare de mexer nesse lenço. Por que está tão lenta, arrastando os pés?
– perguntou tio Ricardo, a voz carregada de impaciência. – Whit deve estar esperando.

Fiz uma careta. Ah, sim, o estado permanente de Whit desde nosso encontro.

– *Él es paciente, tío.*

– Rá! Whit? Paciente? Você não o conhece como eu – zombou meu tio.
– Eu só tomei caldo nos últimos dias, *y me muero de hambre*. Preciso de uma refeição decente, Inez, e, se você disser uma palavra em contrário, vou perder a cabeça.

Lancei-lhe um olhar irritado, mas ele nem reparou. Tio Ricardo com certeza não estava morrendo de fome – eu cuidava disso pessoalmente. Não sou uma pessoa violenta, mas cogitei jogar algo na cabeça dele. Meu tio, *mais uma vez*, se recusou a ficar na cama. Um desavisado poderia até pensar que eu estava obrigando ele a morder uma cebola crua ou algo do tipo. Em vez disso, ele estava me arrastando até o luxuoso salão de jantar do Shepherd's, a mão segurando meu pulso com firmeza. O outro braço estava preso em uma tipoia, para a qual, de tempos em tempos, ele lançava olhares de repulsa, se ressentindo de tudo que pudesse impedi-lo de ir a Philae. Ele também olhava com profunda suspeita para todos que passavam por nós. Quando dois cavalheiros entraram no corredor que levava à escada principal, meu tio me forçou a dobrar em outro corredor e esperou que passassem.

Dessa vez, não tentei esconder minha irritação.

– O que exatamente acha que vai acontecer comigo no terceiro andar do hotel?

Em vez de me encarar, tio Ricardo tinha os olhos fixos nas costas dos dois cavalheiros que se dirigiam, presumivelmente, a seus quartos.

– Você já os viu antes?

Puxei o braço, soltando-o da mão dele.

– O senhor deveria estar descansando, não julgando turistas desavisados.

Finalmente, meu tio virou o rosto barbudo na minha direção. Ele era bem mais alto que eu, cheirava a sabonete cítrico, e suas roupas, pela primeira vez, estavam passadas, e os sapatos, limpos. Tudo porque ficou no hotel nos últimos dias.

– Você não aprendeu nada? *Qualquer um* pode ser um dos contatos de Lourdes.

– Se ela quisesse me matar, já teria feito isso. Teve várias oportunidades. Mas não fez – sussurrei. – Ainda sou filha dela. A única filha.

– Você já viu até onde ela pode chegar para proteger os próprios interesses. Não se apegue a qualquer afeição maternal dela por você.

As rugas profundas nos cantos da boca do meu tio se amenizaram. Ele me encarou com olhos suaves da mesma cor que os meus – avelã, que mudava de tonalidade, dependendo do nosso humor. A piedade me espreitava do fundo deles, era insuportável.

– Os problemas surgem aonde quer que ela vá. Você deveria saber disso melhor do que ninguém.

Meus lábios se abriram quando uma lembrança passou rapidamente pela minha cabeça. Um breve lampejo, como a lâmina de uma faca deslizando na pele.

Elvira gritando meu nome – me chamando no momento em que o gatilho era puxado, a bala disparando na direção dela. E, um instante depois, o rosto destruído. Irreconhecível. O sangue se acumulando sob a cabeça, manchando a areia dourada.

Se eu pudesse, daria vários anos da minha vida para que essa lembrança fosse apagada da minha mente.

– Acho que é seguro descer – disse ele, voltando a me segurar, quase me arrastando pelo corredor com o braço que não estava imobilizado. – Temos muito a discutir.

Normalmente eu teria replicado algo, mas aquelas palavras me fizeram gelar por completo. Eu nunca poderia esquecer quem era minha mãe. Uma mestra da manipulação e uma astuta estrategista. Mentirosa e ladra.

Uma mulher que poderia trair – e de fato traiu – a própria filha, que tinha fome de poder e faria qualquer coisa para ficar rica. Fria e implacável ao sacrificar Elvira sem remorso.

Uma mulher perdida no vento.

Mantenha-se alerta, falei para mim mesma. Prosseguimos até o salão de jantar e, dessa vez, me juntei ao meu tio na cuidadosa observação do ambiente.



Os hóspedes do hotel enchiam o salão no café da manhã, sentados ao redor de mesas redondas cobertas com toalhas alvíssimas, enquanto os garçons, ágeis, carregavam bandejas repletas de bules de prata e xícaras de porcelana. Whit estava sentado à minha frente, usando uma camisa social azul por dentro da calça cáqui de costume. O corpo musculoso preenchia a delicada cadeira, os ombros fortes ocupando toda a largura do encosto. Eu não precisava olhar debaixo da mesa para saber que ele estava usando suas botas de couro favoritas, amarradas até a metade da panturrilha. Ele se serviu da segunda xícara de café, e eu sabia que dispensaria açúcar e creme, preferindo o café puro.

Desviei o olhar, consciente do meu tio sentado a meio metro de mim, e ergui a xícara de chá tentando esconder minhas bochechas ruborizadas. O líquido queimava minha língua, mas eu o engoli mesmo assim, na intenção de ganhar tempo. Eu sentia o peso do olhar do meu tio, avaliando e prestando atenção em silêncio. A última coisa que eu queria era revelar minhas emoções.

Tio Ricardo não ficaria feliz se soubesse da profundidade dos meus sentimentos por Whit.

– Partiremos daqui a alguns dias – disse meu tio a ele.

– Receio que não seja essa a recomendação do médico – replicou Whit com calma. – Ele recomendou que você descanse por mais um dia ou dois e desaconselhou atividades em excesso por alguns dias. Certamente, nada de viagens longas. Muito movimento brusco e coisas do tipo.

Meu tio soltou um grunhido abafado.

– Philae não é exatamente uma longa distância.

– Apenas algumas centenas de quilômetros – disse Whit, ainda imune ao mau humor de tio Ricardo. – Você corre o risco de arreentar os pontos, ter uma infecção...

– *Whitford*.

Quase contra a minha vontade, meus olhos se voltaram na direção dele. Tampouco pude evitar a risada suave que escapou da minha boca. Meu tio não era irascível apenas comigo; ele também despejava seu azedume em cima do assistente.

Só que Whit lidava com isso melhor do que eu.

– Você pode fazer o que quiser, mas prometi ao médico que transmitiria o aviso – disse Whit, sorrindo levemente. – E, agora, pelo menos em relação a esse assunto, minha consciência está tranquila.

Ninguém diria que, horas antes, ele tinha falado de casamento. Seu comportamento era o mesmo de sempre, uma atitude de divertimento que escondia um profundo cinismo. Ele encarava meu tio com confiança; as palavras saíam sem a menor hesitação. As mãos seguravam com firmeza a alça da xícara de café.

Apenas uma coisa o denunciava.

Desde que me sentei, ele não olhara na minha direção.

Nem uma só vez.

Tio Ricardo estreitou os olhos.

– Em que mais você se envolveu? Ou é melhor eu nem querer saber dos outros assuntos?

– Eu ficaria longe deles – replicou Whit antes de tomar um longo gole de café.

Ele continuava sem olhar para mim. Como se temesse que, ao me olhar nos olhos, todos os seus segredos fossem revelados.

Meu tio afastou o prato – ele tinha comido pão pita, mergulhando-o em homus e tahine, e quatro ovos fritos. Apesar da minha frustração com ele, fiquei satisfeita em ver que seu apetite tinha retornado.

– Humpf – resmungou tio Ricardo, mas deixou o assunto de lado. – Agora, Inez – começou ele, remexendo nos bolsos do casaco –, estou com sua passagem de trem para Alexandria. Você partirá daqui a uma semana, e, com sorte, até lá terei encontrado uma acompanhante para a viagem. É uma pena que a Sra. Acton já tenha partido.

Ele me lançou um olhar irritado.

– A propósito, tive um trabalhão para acalmá-la depois que você a enganou. Ela ficou profundamente ofendida.

Eu quase tinha me esquecido da querida Sra. Acton, uma mulher que meu tio tinha contratado para me acompanhar de volta à Argentina assim que cheguei ao Egito. Eu a enganei e escapei do hotel onde meu tio queria me manter trancada até conseguir me despachar. Mas eu não sentia nenhum remorso. Não consegui sequer formular uma resposta.

Minha mente ficou presa na iminente data em que eu partiria.

Daqui a uma semana.

Meu tio soltou uma exclamação de triunfo ao tirar algo do bolso. Ele errou dois bilhetes de papel e os deslizou para mim. Olhei para os papéis, me recusando a tocar neles: uma passagem de trem só de ida para Alexandria e uma de navio para o porto de Buenos Aires.

O ruído na sala diminuiu, o falatório constante foi abafado. Cogitei mergulhar os bilhetes no meu copo d'água. Pensei em rasgá-los em pedacinhos e jogá-los na cara do meu tio. A proposta de casamento de Whit ganhou força, pois era uma saída do meu exílio. Ele me oferecia uma tábua de salvação, uma chance de consertar tudo. Uma porta para a independência, uma forma de deter minha mãe e seu comportamento abominável. A resposta à pergunta de Whit se cristalizou em minha mente. Aos poucos, ergui o rosto e olhei na direção dele.

E, pela primeira vez desde que me sentei, ele me encarou.

Seus olhos azuis ardiavam.

Whit arqueou as sobrancelhas, fazendo uma pergunta silenciosa cuja resposta só eu sabia. Ele deve ter lido algo em meu rosto, porque pousou a xícara de café e afastou a cadeira da mesa.

– Estarei no terraço enquanto vocês resolvem os detalhes.

Tio Ricardo murmurou algo distraidamente. Sua atenção estava voltada para um homem de pele escura do outro lado da sala, comendo com a família. Ele usava um tarbuche na cabeça e um terno impecavelmente passado. Whit me lançou um olhar rápido e significativo antes de se afastar. Meu coração disparou. Ele queria que eu achasse um jeito de ir ao seu encontro lá fora, longe do meu tio.

– Com licença por um momento. Avistei um amigo – disse tio Ricardo.

– Espere aqui.

– Mas já terminei o café da manhã – repliquei. – Acho que vou voltar para o quarto...

– Não sem mim – objetou meu tio, se levantando. – Não vou demorar nem dez minutos.

Ele me lançou um olhar severo e esperou até que eu concordasse com sua ordem.

Foi muito fácil. Cerrei a boca de maneira teimosa e concordei, relutante. Ele assentiu, se virando, e, quando tive certeza de que ele não notaria minha cadeira vazia, deixei o salão em direção ao terraço, onde Whit me esperava. O saguão fervilhava com hóspedes de todos os lugares, várias línguas sendo faladas enquanto eu abria caminho pela multidão. As portas da frente foram abertas para mim e eu saí, piscando à luz do sol. No alto, um céu azul sem nuvens se estendia sobre o Cairo – a cidade de todas as cidades, como alguns renomados historiadores a chamavam e eu tinha que concordar. Desde o amanhecer dos tempos, este lugar sempre foi uma maravilha.

Eu odiava a ideia de deixá-lo.

Whit estava sentado a sua mesa de vime favorita, pintada de um verde intenso, de costas para a parede e de frente para a rua. Dali, ele conseguia ver quem entrava e quem saía. Fui direto até ele, não me dando ao trabalho de me sentar. Ele me observou desde o momento em que saí para o terraço e ergueu o rosto para me encarar.

– Por que você me beijou na tumba? – perguntei.

– Porque eu não queria morrer sem ter feito isso uma vez – disse ele na mesma hora. – Pelo menos.

Eu me deixei cair na cadeira em frente à dele.

– Ah.

– Pela primeira vez na vida, estou fazendo as minhas escolhas – disse ele baixinho. – Prefiro me casar com uma amiga a me casar com uma desconhecida.

Uma amiga. Isso era tudo que eu era para ele? Mudei de posição na cadeira, tentando exibir a mesma indiferença fria que ele demonstrava. Naquele momento, odiei sua autoconfiança.

– Sua noiva não vai ficar aborrecida?

– Querida, eu não dou a mínima para ela. – Ele se inclinou para a frente

e sustentou meu olhar. Sua voz se tornou um sussurro rouco: – Ainda estou esperando sua resposta, Inez.

Um arrepio de eletricidade me percorreu, e eu me esforcei para não começar a tremer. Era uma grande decisão – a maior da minha vida.

– Você tem certeza?

– Nunca tive tanta certeza de nada em toda a vida.

– Então vamos nos casar – falei, sem fôlego.

Era como se até ali ele fosse um balão cheio de preocupação. Seus ombros relaxaram à medida que a tensão o abandonava. O alívio suavizou suas feições, descontraindo a boca e o maxilar. Eu não tinha percebido que ele estava esperando minha resposta com tanta ansiedade. Uma sensação eletrizante vibrou sob minha pele, fazendo meu coração pulsar. Eu tinha deixado Whitford Hayes nervoso.

Ele se recuperou rapidamente e sorriu para mim.

– Daqui a três dias está bom para você?

– Três dias? Isso é possível?

– Certamente não é impossível. – Ele ajeitou o cabelo desgrenhado. – Mas vai ser bem complicado.

– Me explique.

– Precisamos de um sacerdote, uma habilitação, uma igreja e uma testemunha – disse ele, enumerando esses itens com os dedos. – Depois, precisarei entregar uma notificação ao Consulado Britânico aqui no Cairo, que avisará o Cartório do Registro Geral na Grã-Bretanha.

Arqueei as sobrancelhas.

– Você passou muito tempo pensando nisso. – Um desconforto profundo se instalou em meu estômago. – Você tinha tanta certeza de que eu diria sim?

Whit hesitou.

– Eu tinha esperança de que você dissesse sim. Era mais fácil pensar nos detalhes do que na possibilidade de uma recusa.

– Detalhes que precisam ser resolvidos debaixo do nariz do meu tio – falei. – Não podemos ser pegos.

– Como eu disse, é bem complicado. – O sorriso de Whit não se apagou. – Mas ainda temos três dias.

Segurei a borda da mesa. Eu não conseguia acreditar no rumo que minha vida estava tomando. A empolgação me deixava sem fôlego, mas eu

não podia me livrar da sensação de que estava deixando algo escapar. Papá sempre me aconselhou a desacelerar a fim de prestar atenção nos detalhes que eu ignorava o tempo todo. Ouvi sua voz objetiva em minha mente, me repreendendo com delicadeza.

Quando você vai rápido demais, hijita, é fácil deixar escapar o que está bem na sua frente.

Mas ele não estava ali. Eu não sabia onde ele estava, nem mesmo se estava vivo. Minha mãe disse que meu tio havia assassinado meu pai, mas ela era uma mentirosa. Ele poderia estar preso em algum lugar, esperando que eu juntasse as peças do quebra-cabeça. Afastei essa preocupação da minha mente. Havia outros detalhes que precisavam da minha atenção. De alguma forma, Whit e eu tínhamos que escapar para nos casarmos sem que ninguém soubesse.

Principalmente meu tio.

– O que você precisa que eu faça?

Ele se recostou na cadeira de vime, entrelaçou as mãos sobre o abdome liso e sorriu.

– Ora, o que você faz de melhor, Inez.

Sua expressão era calorosa, de divertimento e provocação ao mesmo tempo. O sorriso dizia que ele me conhecia muito bem.

– Preciso que você esteja exatamente onde não deveria estar.



WHIT



Essa foi, de longe, uma das piores ideias que já tive.

O Clube Esportivo Quedival se erguia à minha frente, um edifício projetado em estilo europeu, pintado em cores insípidas e rodeado por palmeiras e árvores exuberantes. Um gosto desagradável cobria minha língua, ácido como vinho estragado. Apenas militares britânicos e altos funcionários civis ingleses tinham permissão para frequentar o clube. E, embora meu nome e título atendessem aos requisitos, eu tinha – desonrosamente – perdido meu lugar no Exército. O filho desgraçado da Grã-Bretanha que queria continuar assim.

Ninguém abriria as portas para me dar as boas-vindas.

Mas eu precisava de um sacerdote, uma igreja, uma testemunha e uma

habilitação. Para que nosso casamento tivesse alguma credibilidade, eu teria que pedir a alguém ali dentro os dois últimos itens da lista. Alguém com quem eu não falava havia meses. Meu Deus, um ano? O tempo tinha passado como um lento borrão após minha expulsão. Ele fora meu amigo e eu acompanhava seus passos sempre que podia, embora ele não soubesse. Seus pais eram fazendeiros na Bolívia e o enviaram para morar na Inglaterra quando ele tinha apenas 8 anos. Raramente falava sobre a família; nunca ficava parado tempo suficiente para ter esse tipo de conversa. Gostava de cavalgar e de beber. Fugia dos jogos de azar, mas arriscava a vida quase diariamente.

Cavalos velozes, linhas de frente e bebidas fortes.

Leo Lopez nunca tinha me deixado sozinho em brigas, mas isso foi quando eu ainda tinha uma reputação.

Empurrei as portas de madeira e entrei, um nó de tensão se formando em meu maxilar. Descerrei os dentes, me forçando a exibir uma expressão que não demonstrasse abertamente a repulsa que eu sentia.

O saguão era tão requintado quanto uma típica sala de estar inglesa, com cadeiras aveludadas, cortinas caras e papel de parede decorado. Espirais de fumaça de charuto tomavam o salão em uma névoa quente e brilhante, e o barulho de conversas animadas vinha de todos os lados ao mesmo tempo. Homens vestidos com ternos sob medida e sapatos polidos relaxavam em várias alcovas com assentos confortáveis, mesas de café baixas e vasos de planta. Era o tipo de estabelecimento de que meu pai gostava. Um lugar para se misturar com a nata da sociedade, confraternizar com os ricos e poderosos enquanto se reclamava da esposa carente e de sua queda por pérolas e joias. Eu podia imaginar meu pai ali, totalmente sóbrio, avaliando fraquezas e esperando para desferir o golpe. Mais tarde ele usaria na mesa de jogo tudo que descobrisse.

A porta se fechou atrás de mim com um estrondo audível.

Percebi o momento em que fui reconhecido.

Um silêncio denso se instalou na sala, sufocando todas as conversas. Ninguém falou por vários segundos. Parecia que eu tinha superestimado muito meu charme.

– Que diabos você está fazendo aqui? – perguntou um homem, oscilando ligeiramente ao se levantar.

Pisquei diante do vermelho intenso do uniforme dele. Parecia incrível

que eu tivesse usado aquele traje por quase sete anos. Seu nome me veio de repente: Thomas qualquer coisa. Ele tinha uma namorada em Liverpool e pais idosos que gostavam de tomar vinho do Porto após o jantar.

– Estou procurando Leo – respondi com indiferença. – Você o viu?

Vários presentes se levantaram, os rostos ficando vermelhos.

– O clube esportivo é só para *membros*.

– Não para malditos desertores! – gritou outro.

– Por desonra! – berrou um terceiro.

– Eu não vou ficar – falei em meio às exclamações indignadas. – Estou procurando...

– Whit.

Eu me virei na direção de uma porta que levava a um corredor estreito. Leo estava encostado no batente, chocado, como se tivesse visto um fantasma. Parecia o mesmo da última vez que o vira, bonito como sempre, o maldito. Impecável, botas brilhantes, uniforme passado. O cabelo preto cuidadosamente penteado para trás. Eu não sabia como ele me receberia.

– Leo, olá.

Seus olhos percorreram a sala, a expressão neutra, mas percebi que ele compreendia a situação. Senti, mais do que vi, vários homens se aproximando, me cercando. Eles olhavam de mim para Leo, avaliando nosso grau de familiaridade. Leo abriu a boca, depois a fechou abruptamente, um brilho calculista nos olhos. Eu entendi de imediato o que se passava por sua cabeça: valeria a pena ele me fazer um favor só para eu ficar lhe devendo? Eu era um homem sem país, meu nome estava mais sujo do que uma poça de lama. Mas ele sabia que eu tinha talento para descobrir segredos. Dei um sorriso resignado, arqueando levemente uma sobrancelha. Senti um aperto no peito, o ar preso nos pulmões. Tudo que ele tinha que fazer era estender a mão e eu poderia ficar, mesmo que por alguns minutos. Esperei para ver o que meu amigo faria.

Leo desviou o olhar.

Era outra sentença.

Mãos rudes se estenderam, puxando minhas roupas, me arrastando de volta para a entrada. Não ofereci resistência, mesmo quando alguém empurrou meu ombro e outro chutou minhas canelas. A raiva pulsava no meu sangue. Levantei as mãos enquanto lutava para acalmar a fera que rugia

dentro de mim. A vontade de me defender quase tomou conta de mim. Eu não podia ceder ao impulso. Eles procurariam qualquer desculpa para me arrastar para a prisão do Cairo. Eu já estivera lá uma vez e ainda me lembrava do fedor horrível, do peso opressor do desespero, dos ocupantes esqueléticos. Se eu entrasse, nunca mais sairia. Eu sabia que era exatamente isso que eles queriam.

Whit impulsivo, perdendo a cabeça. Whit desonroso, atacando um oficial.

Se eu reagisse de alguma forma, qualquer chance de me casar com Inez desapareceria.

E eu precisava me casar.

Os oficiais me arrastaram até as portas da frente e me jogaram para fora. Caí de quatro, a pedra arranhando a palma das minhas mãos. Eu me levantei enquanto os homens festejavam e se trancavam lá dentro, cantando alegremente.

Maldição. E agora?

O clube esportivo ficava a uma curta caminhada do hotel. Enfiei as mãos nos bolsos e comecei a refazer meus passos, a mente nublada com ideias inúteis. Leo não me receberia – lá se fora minha testemunha. O capelão do Exército estava fora de questão, assim como a habilitação. Sem ela, eu não poderia registrar oficialmente o casamento na Grã-Bretanha.

Merda, merda, merda.

Andei uma quadra, a mente em turbilhão. Eu não tinha uma boa relação com nenhum dos meus outros compatriotas no Cairo. Eram todos dignitários e diplomatas, imperialistas convictos que desprezavam homens que não seguiam ordens.

Ouvi passos atrás de mim, alguém correndo pelo caminho.

– Whit!

Parei e me virei, mal contendo o sorriso. Meu velho amigo, finalmente se manifestando. Leo parou, o cabelo já não tão arrumado.

– Que idiotice – disse ele. – O que foi que te deu?

– Vou me casar – respondi. – E preciso que tenha respaldo legal e seja reconhecido pelas pessoas certas.

Suas sobrancelhas se ergueram.

– Meu Deus. Devo parabenizá-lo? Ou oferecer minhas condolências?

Dei um tapinha nas costas dele.

– Decida no casamento... você será nossa testemunha.



Eu me vi em outro bar.

Estávamos lutando por trinta centímetros de espaço do balcão de mogno ocupado por dezenas de clientes no famoso estabelecimento do Shepherd's. Leo insistira que sabia onde encontrar o capelão do Exército, um tal de Henry Poole, que gostava de cerveja clara e abundante. Quando ele me arrastou de volta para o hotel, a imagem da minha futura esposa passou pela minha mente, nítida como se ela estivesse diante de mim. Cachos escuros que não se deixavam domar, olhos alquímicos com seu brilho dourado, iluminados por uma curiosidade insaciável. Ela provavelmente estava planejando fugir do hotel sem que o tio percebesse. Naquele momento, ela poderia estar descobrindo os próximos compromissos de Ricardo ou pedindo ajuda a um empregado.

Quando se tratava de Inez, ninguém tinha certeza.

– Pague outra antes de ele pedir – disse Leo em espanhol pelo canto da boca.

No mesmo instante, lancei um olhar na direção dele. Como é que ele sabia que eu tinha aprendido espanhol? No Exército, eu aprendera algumas frases, mas nada perto de como eu falava ou entendia a língua agora. Parecia que eu não era o único que observara de longe.

Ele tomou um gole de sua bebida e deu de ombros. Em seguida, apontou o queixo na direção do capelão do Exército, que estava ao meu lado, com um sorriso repuxando os lábios enquanto observava a cena tumultuada no espaço luxuoso. Eu já tinha estado ali muitas vezes, frequentemente a serviço de Ricardo. Muitas pessoas passavam pelo famoso bar com a intenção de se divertir e nada mais.

Henry se inclinou para a frente e gritou o pedido dos três para o barman, que assentiu rapidamente enquanto também atendia meia dúzia de outras pessoas. Admirei a competência multitarefa do rapaz. O capelão olhou para nós, sorrindo. Me pareceu que ele não tinha muitos amigos e estava ansioso por camaradagem. Eu havia pensado que ele seria alguém maçante, tenso e mal-humorado.

Mas ele era jovial e falante – realmente esquisito para um britânico – e estava quase bêbado. Ele sorria demais e era o tipo que confiava demais, coitado. O barman empurrou mais três copos na nossa direção, cheios até a borda, e eu hesitei.

Eu já tinha bebido dois.

– A arma é realmente necessária? – O capelão soluçou. – Não estamos em perigo aqui, tenho certeza.

– Não vou a lugar nenhum sem ela – afirmei.

Leo se abaixou e aproximou o nariz da arma presa ao meu quadril.

– Você ainda tem o revólver dele? Depois de todo esse tempo?

– De quem? – perguntou Henry, olhando-a com interesse.

– Do general Gordon – respondeu Leo em voz baixa, então ergueu o copo em uma saudação solene.

– O general Gordon? – perguntou Henry em um sussurro de espanto. – Essa arma é *dele*?

Assenti com firmeza, levando a mão ao copo. Sem hesitar, tomei um longo gole da bebida.

– Mas como foi que você a conseguiu? – indagou o capelão, surpreso. – Ouvi dizer que ele foi decapitado...

– Mais uma rodada? – interrompeu Leo.

– Nós acabamos de pegar estas bebidas – protestou Henry.

– Algo me diz que vamos querer mais uma – disse Leo, lançando um olhar inquieto na minha direção.

Ele sabia toda a história da minha desonrosa passagem pelo Exército, é claro. Eu tinha sido expulso, sem tempo para me defender nem me despedir dos outros. Não que eu me importasse – exceto, às vezes, talvez, com a maneira como eu desaparecera sem me explicar a Leo.

Mesmo assim, eu achava que ele teria entendido, apesar de não poder tomar meu partido publicamente. Porém, isso não tinha mais importância, porque ele estava ali naquele momento.

– A nós! – disse Henry, entre um soluço e outro.

Erguemos os copos. Afinal, quem está na chuva é para se molhar.



Que horas seriam? O rosto de Leo estava borrado na minha frente. A cantoria tinha ficado mais alta. Meu Deus, *alta demais*. Mas eu tinha conquistado mais alguns centímetros no balcão para nós. Vitória.

– Você não tinha que perguntar algo ao Henry? – gritou Leo no meu ouvido.

– Meu Deus – falei, me encolhendo.

Ele riu, o rosto vermelho, já sem a classe de antes.

Henry foi até a outra ponta do bar e voltou com mais cerveja. Ele sempre tinha mais cerveja. Devia ser feito de cerveja.

– Eu preciso me casar! – gritei.

– O quê? – berrou Henry.

– EU PRECISO ME CASAR! – berrei de novo. – VOCÊ PODE FAZER A CERIMÔNIA?

O capelão piscou, a cerveja transbordando do copo quando ele colocou a mão no meu ombro.

– Claro! Eu *odeio* funerais.

– Isso pede um uísque – disse Leo, soltando uma risada suave e resignada. – *Mais* uísque – corrigiu ele.

O alívio atravessou a névoa que cobria minha mente. Eu tinha um capelão. Tinha um sacerdote.

E teria Inez.

Obrigado, meu Deus.

Levantei o copo e me entreguei ao esquecimento.



O saguão estava quieto quando saímos, trôpegos, do bar. Leo conseguiu andar alguns metros antes que precisasse se apoiar em uma das enormes colunas de granito. Minhas pernas e braços pareciam soltos e a mente estava imersa em uma densa neblina; era até difícil captar meus pensamentos.

– Ele disse que ia celebrar? – perguntei, tentando me lembrar das palavras exatas do capelão.

Ele havia saído uma hora antes. Talvez mais. Eu tinha parado de olhar para o relógio de madeira lá dentro.

Leo assentiu e depois fez uma careta.

– Você não se lembra de gritar que ia se casar?

– O quê? Não.

Isso teria sido extremamente idiota... Ninguém deveria saber dos nossos planos. Qualquer um poderia ir até o conhecido Ricardo Marqués para dar a notícia.

– Quase todo mundo lá dentro te parabenizou – comentou Leo.

Eu estava a poucos passos dele, mas, ainda assim, sentia o cheiro forte de álcool em seu hálito.

Tudo girava e um sentimento de desconforto surgiu. Engoli o gosto ácido que cobria minha língua. Observamos em silêncio o desfile de clientes saindo do bar, alguns eretos, outros cambaleando e alguns que precisavam ser carregados por amigos. Eu estava razoavelmente orgulhoso de não ter dificuldade em permanecer de pé.

– Vire de costas – disse Leo de repente, com os olhos fixos em um grande grupo que passava a pouco mais de três metros de nós.

Por instinto, eu me escondi atrás da coluna, sem visão da entrada do bar. Espiei o grupo.

– Pare – sibilou Leo.

Mas era tarde demais – eu já tinha visto meu ex-capitão. Pelo jeito como ele fuzilava meu amigo com os olhos, estava bem claro que tinha nos visto bebendo – talvez até tivesse visto seu capelão conosco.

Leo assobiou alto, e ouvi várias pessoas se aproximarem, rindo, falando alto. Dei a volta na coluna, surpreso ao ver meu amigo cercado por soldados. Vários deles tinham me comprado rodadas de uísque. Eu sabia que Leo esperava que eles bloqueassem a visão do capitão, mas não deu certo.

Ele se aproximou, e os soldados se empertigaram, alguns fugindo para a entrada do hotel. O uniforme decorado exibia fileiras de fitas e insígnias de bronze que brilhavam intensamente à luz das velas que tremeluziam pelo saguão. Os olhos claros do capitão me percorreram de alto a baixo, me avaliando, os lábios pressionados em desaprovação. Ele observou minhas botas empoeiradas e a camisa amassada. Meu cabelo longo demais e o álcool no meu hálito.

– Whitford – disse ele. – Ouvi dizer que você foi ao clube.

Parecia melhor manter a boca fechada.

– Você ainda trabalha para o Ricardo – afirmou ele. – Por acaso ele sabe que você planeja se casar com a sobrinha dele?

O sangue se esvaiu do meu rosto.

– Foi o que pensei – observou ele com um sorriso frio. – Você continua o mesmo, Whitford. – Ele balançou a cabeça, o desprezo estampado nas feições severas. – Seu pai merecia coisa melhor. – Sua atenção se voltou para Leo, que ainda estava usando a coluna para se manter de pé. – Vejo você de manhã.

O capitão se afastou com os ombros retos e as costas rígidas.

Um trovão rugia em meus ouvidos.

– Como é que ele sabia que a pessoa com quem vou me casar era a sobrinha de Ricardo?

Leo soltou uma gargalhada.

– Você disse isso no bar, idiota.

Que merda. Agora não tinha mais jeito: Inez e eu teríamos que nos casar mais cedo. Se havia alguém que queria bagunçar minha vida, era o homem que me denunciara ao juiz militar.

Só depois de me despedir de Leo é que senti alguém me observando do alto da escada. Inclinei a cabeça para trás, a boca seca, os olhos turvos. Subi o primeiro degrau cambaleando, mal conseguindo me manter de pé. A figura parecia familiar.

Demorou um minuto para que a forma se cristalizasse, as linhas se tornando mais nítidas. Era uma jovem com uma expressão difícil de decifrar. Talvez fosse de horror e incredulidade. Ela se virou, se afastando rapidamente, apertando o cinto do roupão em torno da cintura fina. Cachos escuros balançando em torno dos ombros. Eu finalmente a reconheci.

Inez.



CONHEÇA A SÉRIE SEGREDOS DO NILO

O que o rio sabe
Onde a biblioteca se esconde

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

